

O ESTADO

TERESINA, DOMINGO 16 ABRIL DE 1972



Nem só de pão
vive o padeiro

Interessante

Ou,

Revista Debaixo dos Caracois
dos seus Cabelos

(Paulo Boçal)



Os jornais de Teresina estão soli-
dários com o «Jornal da Bahia». E
quem está solidário com os jornais daqui?

A coisa vai. Um mês de gravidez. O Estado Interessante tá ficando cada vez mais interessnte. A gente tá contribuindo para a explosão demográfica. Ou melhor, explosão palavróica. A gente já não tem medo da pilula. Da pilula da nudez. A coisa está formada. Só que ainda corre o risco do aborto. Mas é bom ter otimismo e pensar num parto sem complicações.

A partir deste número, a gente tá publicando colaborações. Tem uma página aí aberta pra todo mundo escrever qualquer coisa interessante e mandar aqui pro Estado.

O sol tá mais pra guarda-chuva que pra bronzear. Termômetro na marca dos 37. Vento soprando no quadrante leste. Ainda não é tempo de soltar papagaio.

No número anterior, Carlos Said defendia com unhas e dentes o Albertão. Hoje, o prof. Tito Filho, na última página, solta o verbo para negar a construção mais ousada do Estado. De quem é a razão? As coisas estão acontecendo. Pense e julgue.

Galvão continua com sua campanha de evangelização: «descubra a alegria de ser pop». A discoteca de Luis Claudio ganhou uma página aqui no suplemento e tá o maior barato. Durvalino combate as estruturas. O Alberoni tá com preguiça de escrever. Noronha faz um análise do bom menino Gilberto Gil (pediatra é pres-as coisas). Tudo isto e algo mais vai escrito nas páginas de hoje.

Nicinha recusou o título de musa da patota deste suplemento. A modéstia hoje em dia é uma coisa séria. Manelavião é o mais novo membro da turma. Zé Doidim tá exigindo mais tutú pra escrever com a gente. O Garrincha é quem sabia tratar bem essa turma. Luiza Oi de Jipe não deu mais as caras.

Bom, aqui vamos nós. Um mês de estado Interessante. Um mês já dá pra se notar o bucinho. Um mês de gravidez. Manga verde pra gente é comercial. Temos desejando. Como é que é, homens ricos da terra?

A Estrela de Antares brilha no céu da Chapada do Corisco. O asfalto quente não deixa a flor sair. A grama da Praça da Liberdade é capim-gordura. (EDMAR)

POP

A boca é do povo. A língua é do povo. Principalmente, da mulher do povo. O velho é do povo. O novo é do povo. A boca é usada. Zoadas de mercado. Sorriso de estar vivo, ouvindo a zoadas do povo. Embora novo, me toco o povo, a língua do povo, a zoadas do povo, Ouvindo novos sons do povo. Leia Alzira, a morta virgem, e o grande industrial. Leia as aventuras do pavão misterioso. Leia a louca do jardim. Escute a princesa encantada e o reino da pedra branca. Leia as aventuras de João Malasartes, neto de Pedro. Fare para ouvir a vida e morte de Getulio Vargas. Silêncio, que estão cantando o desafio de início da catiguera com zé pretinho da Paraíba. O desastre do marimbá, em 30 folhas. Se o povo para e olha e escuta, vê. E a cobra vai dançar. E descobrir quem não banhou hoje. E dizer quem arda sem cueca. Você bate de um lado da barriga parece um tambor. Bate do outro parece um tarô. Se abaixa faz ai. Se levanta faz ui. A mulher pergunta: o que foi marido? Você diz: foi o diabo da comida de sua mãe. A mulher lhe deixa ra pior. Então, antes que a cobra dance, passo a mostrar pros senhores este liquido que vocês, vendo assim dizem: ora! isto é lavagem de creolina com corante dentro. E eu lhe respondo: é mesmo. Mas não é uma lavagem qualquer. Ela foi preparada por mestre Joaquim das canabraba, o maior macumbeiro, umbandista, xodzeiro e vigarista do sertão da Paraíba. Contém raspas de chifre de morcego, pó de rabo de cutia e cuspe de papagaio. Você faz uma aplicação no local da dor, e fica bom. Esquece a mulher que foi embora e bota três dentro de casa, e dá conta do recado. Se o povo chega e para e atrodeia, escuta. Abram a roda, abram a roda, deixem o buraco bem grande. Por causa de buraco pequeno meu pai ficou 40 anos na cadeia. Eu passo a mostrar alguns truques de baralho. Este truque não falha nunca, mas, como os senhores sabem, infalível no mundo mesmo só Deus, nosso senhor, Jesus Cristo, então se eu errar eu faço de novo. Se o povo descer rumo ao Parnaíba, dá de cara Alguem quer trocar um relógio de pulso por uma bicicleta de mulher? Alguem querará comprar um livro dos sonhos. Ei, quanto cé quer nesse canário boga. Boga é a mãe. Esse canário já brigou dez minutos, e não abriu. Quer cinco conto nêle? Pra acabar com a conversa me dá esse diabo. E o rio é o mestre. Mata e cria. Mas, é o mesmo. E alguém por ali ainda vende milho assado. Só que agora tem uma vitrolinha tocando pra chamar a freguesia. A feira é do povo. A besteira é do povo. O povo é gente. Os propagandistas são povo. Os cantores de romances são povo. A feira do mercado é POP.

(GALVÃO)

FICHA



O Estado Interessante suplemento dominical do jornal O ESTADO transado aqui no Piauí nesse tempo de sol de abril. Feito por obra e graça do Espírito Santo, ajudado por Carlos Galvão, Edmar Oliveira e Marcos Igreja que dão o toque redacional e supervisionam os erros que não saíram neste número. Tem como colaboradores o Jari Mesil, Luis Cláudio, Alberoni Lemos e Noronha. É apoiado moralmente por Arnaldo, Maninha, Teinho, Madalena e France. São correspondentes: Zé Alencar, de Belém; Chico Pereira, em Recife; Franco. São correspondentes: Paulo José no Planalto Central. A diagramação é do Machado Neto e as fotos são conseguidas na base do choro. Esse aqui é o número 3 (três) saindo no primeiro mês de prenhez e não pode ser vendido separadamente.



GILBERTO GIL

Noronha é, talvez o cara que mais entende de Gil, aqui na necrópole do nordeste. E ele manso, manso? Faz uma revisão geral em todo o trabalho do genio bahiano.

(Galvão)

Qualquer pessoa que procure falar sobre certo indivíduo teria que ser de uma total imparcialidade. Mas observa-se um fato interessante. A medida que penetra-se no Eu do outro aquela imparcialidade vai sendo perdida com substituição progressiva de parcialidade. E como descobriremos um mundo novo na personalidade do outro e este vai-nos apresentando facetas que nos fascinam. Logo de já os previno não procurei ser imparcial para uma análise fria e sim de uma parcialidade e toda prova. Gil foi um dos indivíduos que me impressionou desde o começo da sua carreira artística. A primeira música gravada, apresentada num festival da (se não me engano) PUC de S. Paulo por volta de 67, foi Iemanjá, mas só foi lançada depois do seu primeiro Lp juntamente com Maria Bethânia cantando Noel Rosa (toda uma face do Lp) e Caetano Veloso. O primeiro Lp é onde começamos a notar a força poética e musical de Gil. Foi lançado quase no fim do período de músicas de protesto político. O disco de Gil vinha protesto, mas um protesto do regional para o universal. Isto até hoje faz parte dele: o universal. Apesar de, naquela primeira manifestação haver um apego muito grande à sua terra já havia um esboço, com Lunik 9, para a universalização. Também nesse Lp surgia Torquato com força total com uma letra que foi a poesia mais bonita que se fez sobre Teresina até hoje: A Rua. Sente-se que ainda havia muita ligação com o cordão umbelical. Atualmente isto quase não acontece mais com Gil e sim com Caetano. O Gil hoje quando usa as raízes é para lançá-las no universal. Entre o primeiro e o segundo Lp surgia o que chamou-se de Tropicalismo. O Tropicalismo foi o que se fez de mais importante na música popular brasileira em todos os tempos. É claro que foi uma consequência natural da bossa-nova. Só que o sentido de libertação da bossa-nova era meio restrito tanto poeticamente como musicalmente. A sua poesia era somente lírica e a música se prendia a uma padronização de ritmo. Mas foi uma abertura como nunca

tinha havido na música popular brasileira. O tropicalismo foi uma liberalização total tanto no material poético como no material musical. No manifesto do grupo que foi o Lp Tropicalia encontramos desde Coração Materno de Vicente Celestino até trechos do Hino Nacional e trechos da Internacional Comunista. No disco está contido Geleia Geral do Gil e Torquato que resume todo o Tropicalismo. Neste mesmo ano, 1968, no festival da TV Record Caetano estourou com Alegria Alegria e Gil com Domingo no Parque. Gil usou em Domingo no Parque uma linguagem que nunca tinha sido usada em música no Brasil. Quando ouvimos este disco temos a impressão de estarmos com uma câmera cinematográfica na mão girando em torno dos personagens. Vem então a história da guitarra que os puristas da nossa música não aceitavam a sua colocação na música brasileira, por puro preconceito. Gil um dia disse-me justificando a colocação das guitarras: Ora pó, o Vandré cantou Disparada acompanhado com uma caveira de jumento e ninguém disse nada porque é que eu não posso usar guitarra. Veja você como somos preconceituosos. No início de 69 é lançado o segundo Lp de Gil com uma estrutura musical completamente diferente do primeiro. Neste veio acompanhado d'Os Mutantes (um conjunto de Iê, Iê, Iê) com arranjos do maestro Rogério Duprat. Precissão que foi gravado no primeiro Lp com uma roupagem tipicamente regionalista veio agora muito mais rica com uma roupagem universal. Os críticos clássicos não o perdoam por isto. Stanislaw Ponte Preta que na época era considerado um indivíduo pra frente na época, esculhambou. Neste mesmo ano ele e Caetano foram presos e em agosto foram para Londres. Antes de saírem fizeram um Show em Salvador cujo disco foi lançado este ano (Barra 69 com Caetano e Gil) e daí saiu um Lp gravado. A diferença entre este e o segundo não foi tão grande como entre os dois primeiros. Este terceiro foi como que uma continuidade do segundo. Só que muito mais aparado. E muito mais

conscientizado. Neste foi lançado "Aquele Abraço". Os puristas ficaram todo satisfeito pelo retorno de Gil às origens e deram-lhe "O golfinho de ouro" no ano seguinte. Logo depois sai uma carta de Gil no Pasquim rejeitando o prêmio e negando tudo aquilo que os puristas pensavam. Em Londres Gil teve contato direto com a música pop internacional e aprofunda seus conhecimentos musicais com estudo intenso como também o inglês. Frequenta ativamente todas as manifestações musicais que lhe eram possíveis e aproveitando ao máximo as novas aquisições. É gravado em quarto Lp. Este é todo em inglês e sentimos a preocupação de Gil em alcançar um mercado internacional. Suas músicas são muito mais elaboradas, as letras quase nada tem a ver com regionalismo brasileiro. A estrutura melódica se aproxima muito mais das origens africanas do que com o estilo posterior da música brasileira. Gil parece muito mais integrado ao novo meio em que vive do que Caetano. Suas músicas são muito mais internacionais do que as de Caetano. Este ano Gil volta ao Brasil para uma temporada quando então deverá voltar para a Europa a fim de cumprir vários contratos. Gil chega ao Brasil e a primeira apresentação foi em Recife. Vimos Gil seguro, dominando uma platêa com uma simplicidade que só vem do. Está tocando muito melhor. Quem ouve atualmente um disco de Gil não pode imaginá-lo. No concerto de Recife foram apresentadas várias músicas conhecidas com roupagens totalmente novas como precissão, Aquele Abraço, Vira-mundo, etc. Também foram apresentadas músicas inéditas como O sonho acabou, Oriente, Expresso 2222 e rock Back in Bahia. Em cada música demora uns 10 a 15 minutos com variações e improvisações dentro do tema musical.

Gil tem ainda uma imensa bagagem para mostrar ao mundo e não se espatifa quando Gil for um dos líderes do movimento musical mundial. Ele ainda está no começo.



Música e discos

V. CLAUDIO

OPUS POP — ZIMBO TRIO

Segundo uma canção criada por Luiz Eça em 1904 (Luz Eça e Cordas editado pela Philips) que consiste na fusão do trio de Bossa Nova com orquestra de cordas, o ZIMBO TRIO foi mais bem sucedido na bem sucedida experiência de adaptar temas clássicos ao ritmo de samba. Embora os arranjos de Eça particularmente me soem mais agradáveis, o presente LP do Zimbo Trio veio muito oportunamente nos brindar com algo de bom, no tadamente numa época em que sentimos a escassez de bons lançamentos nacionais em disco. Talvez com exceção da Sinfonia nº 40 de Mozart que vem sendo muito explorada por vários maestros e arranjadores modernos (notadamente pelo argentino Waldo de Los Rios) todas as peças apresentadas pelo Zimbo Trio estão impecáveis e podemos sentir aquele toque de bom gosto e esmero na elaboração deste LP. As alternâncias entre o piano e o cravo executadas por Adilson Godoy assim como a dinâmica entre trio e orquestra que se harmonizam perfeitamente foram importantes fatores na obtenção do resultado final da gravação juntamente com a escolha do repertório: Scherzade (R. Korsakovs), Nona Sinfonia (Beehoven), Ária para a corda Sol (Bach), Primavera das Quatro Estações (Vivaldi) e Lago dos Cisnes (Tshelkovsky) são algumas das peças que integram o disco, tendo todas elas recebido do Zimbo Trio um finíssimo tratamento. Vale salientar também o desempenho da cantora Silvia Maria que participa da maioria das faixas executando um solo vocal muito agradável, acrescentando um tempêro "à la Swing Singers" ao conteúdo geral dos arranjos. Um disco agradabilíssimo para um público de bom gosto, estando de parabéns o Zimbo Trio e também a Philips por apresentar o público discófilo com esta verdadeira jóia.

A Censura Federal interditou a com posição PARTIDO ALTO de Chico Buarque de Holanda por emender que a letra "contém linguagem vulgar e rasteira, sendo também contrária aos interesses da terra e do povo brasileiro". Os ver

tos que causaram a interdição da música são os seguintes: "Deus é um cara gozador/Adora brincadeiras/pois prá me jogar no mundo tinha o mundo inteiro/mas achou muito engraçado/me botar cabreiro/na barriga da miséria/eu nasci brasileiro/Jesus Cristo ainda me paga/um dia ainda me explica/como é que pôs no mundo/esta pouca titica".

TRANSAS é o nome do mais recente LP de Caetano Veloso que sairá na próxima semana pela Philips. O disco foi gravado em Londres e a bossa especial será a capa, uma novidade denominada "capa objeto".

Já foi editado no Brasil pela Odeon o compacto de Paul McCartney "DEVOLVAM A IRLANDA AOS IRLANDESES", disco que teve a sua divulgação proibida na Inglaterra por causar "controvérsias políticas". Paul surpreendeu todo o mundo com esta música e desta feita parte também para a política, a exemplo de seu ex-parceiro John Lennon protestando contra a presença de tropas inglesas na Irlanda.

O conjunto americano THE FOUR TOPS que se apresentou recentemente no Brasil tem os seus discos editados pela gravadora Tapeçar. Atualmente estão nas paradas de todo o mundo com a música "IT'S IMPOSSIBLE" gravada juntamente com o quarteto feminino "The Supremes". O disco já se encontra nas lojas.

Para os afluxionados do JAZZ, a Copacabana colocou no mercado mais dois excelentes lançamentos: BLIND MICE JAZZ MESSENGER com o baterista Art Blakey e MODERN JAZZ QUARTET ON TOUR.

A exemplo de Romeu e Julieta e Lovè Story, a música SPEAKY SOFTLY LOVE poderá ser a música do ano em 72. A melodia, como as duas primeiras, é tema de um filme igualmente açucaradoíssimo que vem aí com Marlon Brando no papel principal, e já foi gravada por Andy Williams, Paul Mauriat, Frank Pourcel, Percy Faith, Al Martino e ou

tros. O filme, ainda sem título em português chama-se "The Godfather".

Apelação

Imitar, forjar cantores famosos, falsificar e "vender gato por lebre" são práticas largamente empregadas pela indústria fonográfica. Quando há alguns anos passados as emissoras cariocas começaram a tocar os primeiros discos de Trini Lopez ainda inéditos no Brasil, a editora RGE resolveu lançar um cantor com o nome de PRINI LOREZ que gravou alguns discos procurando imitar fielmente as gravações de Trini Lopez. A "picaretagem" colou e muita gente engoliu, até que a Odeon pegou a representação da Reprise Records e colocou no mercado brasileiro os discos de Trini. Outro foi o camarão PAULO SÉRGIO, que apareceu cantando igualzinho ao Roberto Carlos a ponto de não se saber mais quem era um e outro, causando tremenda confusão. Embora Paulo Sérgio jurasse de pés juntos que não procurava imitar o Roberto, até a maioria de suas canções eram de autoria de um certo Carlos Roberto. Coincidência ou não a gravadora Caravelle faturou (e fatura) firme com a história. E agora é a vez da editora BEVERLY que resolveu também partir para a apelação: Lançou no mercado um LP com um cantor que aparece na capa do disco vestido com um terno listado, de chapéu, óculos escuros, charuto entre os dedos além de abotoaduras e pulseira douradas, um perfeito sócio do Valdick Soriano. Nome do boneco? VALDIR FLORIANO. NO É isso mesmo. Agora fica a dúvida: Será que existe uma direção artística nesta gravadora, ou pelo menos bom senso nas pessoas que a dirigem? Será mesmo preciso usar de picaretagem para vender discos? A verdade é que o LP do tal Valdir Floriano está aí mesmo para quem quiser ver (e se tiver estômago, ouvir) editado pela Beverly. Cafonices, dóres-de-cotovêlo e mau gosto à parte eu ainda fico com o Valdick Soriano. Pelo menos personalidade artística ele tem.

Cavernália II

A fossa dura aproximadamente, 17 léguas e meia. A roça, umas braças a mais. Sabe, Edmar, é preferível um pássaro possível, do que um provável. E preferível deixar-se escorregar pela vidraça, pelas ruas, pelas mortes. Fazer da sorte um mau projeto. Uma desculpa cínica e eterna. É preferível desenhar, de lápis, por sobre os lábios um sorriso e, sair assim, mentiroso ampuante, pelos ventos da cidade. É necessário acrescentar aos 5 sentidos, mais dois: o submissivo e o omissivo. É preferível vestir-se de uma completa nudez moral e desfilar na praça Pedro II, em trajes de Adão. Por certo uma senhorita recata da calça desfalecida, por sobre seus requeijos e virgindade, ao vê-lo. Uma molçola de conduta pouco recomendável, dirá, sorrindo as outras: Ai, colega é um Ripe. Um côro de repazes, atualizados com a dialética em voga, gritará: — Bicha. Bicha. Aquelas mulheres, de sexos transiórios, que irão descendo para a vida, comentarão com conhecimento do assunto — Vige Maria, que aleijado. É aconselhável então que ele siga, impassível e quexotesco até sumir-se sem rumo, pelas calçadas.

Ah, menina, o quanto andamos naquele dia e "naquêles dias". Fomos longe demais, talvez. Mas como teria sido bom se tivéssemos prosseguido. Teríamos deixado de ser semi-deuses, e cairíamos na vala comum dos mortais. E nos nossos peitos, impávidos colossos, estariam humilhadamente cansados e arquejantes. E ririamos das mesmissimas bobagens repetidas, eternos lugares comuns entre os amantes. É preferível tornar-se eterno em vida e um imortal vivente. É preferível chorar na oza do que sorrir na guerra.

O ideal se acaba nos primeiros meses da guerra. Passa-se então a lutar para voltar cedo pra casa, e, finaliza-se lutando desesperadamente para sobreviver.

Desculpem-me os leitores (eu penso, logo, eles existem), se escrevo, estas coisas um tanto sem nexos. Mas permitam-me dizer-lhes, sem que vos ofenda, que este espaço no jornal é meu, e neste eu escreverei tudo o que me subir (ou descer) à cabeça. Este espaço é a minha janela para o mundo; o vão por onde me vem o vento e o alento. Poderei (num dia de preguiça divina), preenchê-lo com números, com fotos, ou com nada. E será uma bela crônica do nada.

E alguém lendo-a dirá: "O Galvão é um entendido em nada". Embora eu já tenha escrito sobre nada com uma página cheia de letras. Embora eu já tenha gasto dias, semanas e meses a pensar e falar em nada. Mas, sou apenas um dos muitos que fazem nada com perfeição. Alguns ganham até dinheiro para fazer nada mas, isto é outro assunto.

É preferível recolher-me de volta ao meu lugar anônimo na vida, enquanto a morte não me roube a mente.

(Carlos Galvão)

... E a Bíblia tinha razão

Dom Pedro imperador primeiro acelerou o fuscão e saiu rápido em busca das parsárgadas úmidas e barrentas do Farnaíba Topou com uma pedra no caminho que não era de pedra, era de buriti, mas para uns as aparências valem mais, por isso ele voltou e deu de cara com o dos Matos J. Miguel, que alto e bom som falou:

— Não prossigas, ó intrépido caminheiro, que negra sorte os teus passos espreita. Não sabes quantos **ches** te aguardam na traiçoeira tocaia da pitombeira. És culpado, pois volta. A tranquilidade só aos justos acompanha. E não te esqueças que no coração no Brasil não há quem passe!

— Mas por que não passa?

— Está escrito.

E afastou-se.

Na encruzilhada seguinte estavam Pelé e rei Momo, paramentados devidamente para o grande forró do sertão. E ambos foram unânimes em dizer:

— A liberdade está a abrir suas asas sobre nós, cânticos floridos adornam o teu caminho, o acaoz viajante. Tens a te guardar o ráio implacável e o trovão. Próssegue tranquilo que nada te detém, mas volta rápido se sentires faltar-te aos pés o chão. Nem sempre o solo é tão firme como se pensa. Volta célere como o vento se pressentires mudanças bruscas demais. Elas te serão fatais.

Relógio seiko no braço, copo de estrangeiro úisque na mão, verdes óculos no rosto, radinho de pilha no ouvido — lá estavam Papai Noel e o fabricante de brinquedos, ávidos para vender e à cata de um bom agente de publicidade para mais ainda fazer comércio no Natal.

— Precisamos vender, diziam, vender muitas bonecas e carrinhos, também vender pistolas de espoletas e inocentes metralhadoras de plástico. Bolas de plástico, pequenos tanques que rugem, e muitos brinquedos mais.

Surgiu então Jesus, que doce e bondoso perguntou:

— Por que vendeis? Por que tanto alimentais a ganância? Acaso sereis os vendedores do templo, que de chicote em punho eu próprio expulsei? Porventura ignorais que se deve dar, e não vender?

E virou-se para o Papai Noel:

— E vós? Com que direito explorais meu nome? Onde recebestes autorização para fazer do meu aniversário o grande dia do mercantilismo? Pagastes direitos autorais? Não pagastes. Tendes procuração? Não tendes. Sois um vil mercador, e para vós não haverá perdão. Lembrai-vos da parábola do fundo da agulha.

(Alberoni)

Da necessidade de estar por dentro

Existe uma tendência natural do ser humano a uma acomodação ao seu status vivencial. Talvez seja fruto da estrutura em que vivemos devido ao egocentrismo que a sociedade capitalista nos incute. Esta acomodação tem prejudicado e vai ainda muito prejudicar as relações humanas principalmente entre pais e filhos. As influências externas numa sociedade há 100 anos atrás se processavam lentamente devido à vagariedade dos meios de comunicação. As mudanças se processavam quase que intrinsecamente, sem influências externas. Uma novidade na Europa demorava não sei quanto tempo para se fazer sentir no Brasil. E mesmo aqui era outro tempo para que generalizasse. Os jovens de hoje acham seus pais quadrados e imagine que estamos já vivendo em plena era tecnológica. Sei que os jovens tem razão em dizer que seus pais são quadrados mas os pais não tem culpa de

se-lo. Eles viveram noutra época onde as mudanças sociais não eram tão intensas. Aqui surge um problema interessante. Será que os pais de menos de 30 anos que se desenvolveram no período de pós guerra, em plena efervescência das mudanças sociais tem razão em continuarem quadrados? Acho que não e para eles é que dirijo este comentário. O que vai acontecer daqui até o ano 2000 ninguém sabe. Por mais que se levante suposições sempre será mais do que aquilo que esperamos. Por mais que as estruturas caducas procurem frear o processo vem aí o inesperado. Se continuarmos com a tendência de acomodação que herdamos de nossos antepassados nossos filhos nos acharão muito mais quadrados do que nós achávamos nossos pais. Nossos filhos terão uma bagagem cultural muito maior que a nossa e não teremos argumentos suficientes nem para entrar num diálogo since

ro, a tendência será usar a força como repressão daquilo que queremos conservar e que achamos que estar certo. Quando fizermos isto e acordar-mos para a realidade emão, já será tarde. A revolta já formou-se e não teremos força de controle. Não se espante quando os filhos partirem para o uso de algum tóxico. A culpa, tenha bem isto engravado na consciencia, não será deles e sim vos sa. Voce não o compreendeu. Voce nem ao menos terá condições de diálogo.

A dinâmica histórica é inexorável. Não para. O indivíduo hoje em dia não pode ficar à espera de informações, ele terá que ir busca-las onde elas se encontram. Terá que ir às fontes e pesquisar. Terá que estar em dia com as mudanças do comportamento humano. Terá, enfim, necessidade de estar por dentro. (Noronha)

ROQUE

Desde o tempo em que as amplificadoras, enchiam os cuícos ou gente a noite toda, eu me ligava mais sempre em algo que variasse daquele lenga-lenga de boleros espanhóis. Luis Gonzaga, surgia então como um marco, uma bala. E além de tudo a música de Luis Gonzaga me enchia daquele amorzinho patriótico de infância. Minha pátria por este tempo era o sertão. Depois com o passar do tempo me convenci de brasileiro, e hoje todas as minhas tendências musicais estão sólidamente estabelecidas nesta influência. Geralmente quando se fala em Rock, no Brasil omite-se dois caras aos quais deve-se emjuar que em parte as primeiras noções da música que se fazia pela ai fora. Carlos Gonzaga um deles, começou a me entrar pelos ouvidos, no

tempo das amplificadoras. Foi estranho para mim no principio, mas logo eu divi, com ele o peso da inovação que eu tinha pôsto nas costas de Luis Gonzaga. Lá por 56-57 Carlos Gonzaga cantava versões de rock's americanos de Neil Sedaka, e do conjunto The Platters. Eram terríveis as versões, que geralmente aproveitavam uma boa parte da letra, em inglês, como por exemplo "Only You", "Oh, Carol". Carlos Gonzaga trouxe como inovação, a batida do rock puro daquele tempo, que agora nos anos 70 (depois da ascensão e queda de twists, jerks, hully-gully) é revivido totalmente. Trouxe pra gente também, aquelas épocas baladas "cowboys" cheias de "tiroléi-ei", e daqueles textos narrativos, que hoje em dia, dissecadas, lavadas, tor

cidas e estendidas é base pra muito lelezinho de segunda. O próprio Carlos Gonzaga está nesta atualmente. O outro é Demetrius. Este eu já cuvi por rádio. Demetrius trouxe aquela maneira de cantar diferente. Hoje eu sei que era uma imitação de Elvis Presley, mas no tempo aquilo me encantou e me fez ver que haviam saídas, e que o negócio era inovar. Só depois alguns anos é que eu fui tomar conhecimento de Elvis. Comecei a parar nesta, e logo depois com o primeiro lançamento de Heberto Carlos, que saiu por aqui, eu me batizei de finalmente na inovação que ele propoicinou. Oportunamente farei só sobre as amplificadoras. As mães do nosso "roquezinho" particular.

(Galvão)

Verbo engravatado

Aqui, a cultura caminha pelas calçadas de paletó e gravata, enquanto ela já usa colares e cabelos longos por esses brasis afora. Aqui, o erudito continua vendendo cultura de academia e todo mundo paga o preço de se ouvir e de se ler o verbo engravatado. Mas, já sou a liberdade no horizonte e a gente tem que ler e ouvir o verbo encantado. Já chega de se viver no paraíso perdido e parado e ficado nos anos de trás. Aqui a coisa parou. Ninguém ouviu o que gritaram lá fora. A gente mergulhou na tranquilidade esteril. É preciso que cada um pise nos seus caminhos, mas de outra forma. É preciso que se leve um tombo, mas que seja um tombador pra outro sentido. É preciso que meus poemas teus digam a tua e a minha realidade gritando anti-estruturalismo.

O caminho não tem fim e por ser

assim a gente não pode ficar parado esperando a espera do que a gente nem sabe. Vamos seguir adiante para ver o que tem lá no horizonte. O grito vem de lá. A coisa tá pegando fogo lá. Que até os bombeiros cortam pra ver

o que está acontecendo. O que acontece é que a gente não quer saber do que está acontecendo, mesmo pra contestar. A cultura de Antares olha e pra trás. Vive do passado no passado. As ruas estão cheias de Machado de Assis de meia tigela, de Zé de Alencares. O certo é que a cultura daqui é museu. As relíquias coloniais, as múmias caminham pelas ruas. O passado está presente. E cada vez vai ficando mais passado, pois o presente caminha pro futuro. Será que tudo vai ficar assim mesmo? Será que não haverá mudança? Teresina tem que está preparada pra

receber informações novas. É preciso que se pare e pense nos anos na frente e se impulse no tempo para alcançar o presente. Pense. Verifique. Vá em frente. Pesquisa de livraria serve pra isso. O rádio fala o que pensam. Faça um balanço e medite no sentido de tempo. O que acontece é contra-evolução. Saia do passado, não pense no futuro e viva no presente. A coisa tá girando e não se pega nada. Dê um rolê. Veja e olhe os lados da coisa. Não espere nada. Coloque as coisas na realidade viva e vivida. Os bancos das praças não são feitos para que se sente com as cadeiras vazias. Pense. Viva a mudança. Viva o presente e se gusente do passado. Corra, mesmo que seja em direção a nada. Não pare. Os olhos tem que ver. Você tem que sentir o que existe. Você tem que sentir. Pronto. Vá em frente. (EDMAR)

Ode as estruturas

Salve, salve, irmãos seculares, irmãos mortos
desta terra de Avtares.
Salve, salve, professores, doutores amortecedores
desta vidinha morta, desta luinha torta
que vocês levam sem vexame.
Salve, salve, grandes membros,
grandes braços pincelantes
de uma cultura pedante e assexuada
que enche as prateleiras
de suas vastas bibliotecas acadêmicas.
Salve, salve, acadêmicos.
Salve a Academia Piauiense de Letras.
Salvem, se possível, alguma coisa.
Alguma coisa ainda resta
e disto nós nos encarregamos.
até que, um dia, num diafano céu de setembro,
todos acordem e vejam os acordos
de nossa música eletória.
Salve salve, mães e filhas,
afilhados e madrinhas, madrastras e parentes,
párocos e monsenhores,
senhores sem clóquios, ópios da massa acéfala.
Salve, salve, bombeiros ordeiros,
a água é o solvente universal.
Vocês dissolvem o pessoal. Pessoalmente vi.
Salve, salve, meinninhas, tão graciosas,
tão mimosas, tão presas, tão prendadas.
Dadas a coisas belas, a belezas de Capricho,
de Sonho, de Ilusão. Pra vocês serei
um príncipe, mas um príncipe deserddado.
Não gosto de pé-de-curica.
Salve, salve, Piauí,
salve estréla de Antares.
Estais bem longe de mim.
Tua luz se apaga, tua luz se apega
a coisas que merecem odes,
Eis a minha.
Salvem, salvem Teresina.
Eu me safo por aí.

(Antônio Falado)

CHAPLIN

Jari Mosil

«Os melhores filmes são feitos com pedaços da vida, simplesmente. Nem a fama nem a prosperidade me tirarão jamais a idéia da derrota e o medo da pobreza, dos olhares de desprezo, das palavras ofensivas, das privações cruéis que sofri em Londres. Medo de que meu destino adverso me esteja espiando e faça alguma coisa ruim. Enfim, medo...» (Charles Chaplin, em «A história da minha vida»).

a redescoberta da simplicidade

Hoje ele completa 83 anos. Na última segunda-feira recebeu em Hollywood homenagem especial na entrega do Oscar.

Há vinte anos, perseguido pela Comissão de Atividades Antiamericanas, Charles Chaplin abandonava os Estados Unidos, ao mesmo tempo que sofria campanha negativa e seu filme LUZES DA RIBALTA (Limelight) era proibido pela censura.

Nascido em East Lane, Watford, Inglaterra, Charles Chaplin teve, na infância, a pobreza como companheira inseparável, infortúnio agravado com a loucura da mãe, que viveu seus últimos dias num asilo de alienados mentais. Lutando pela sobrevivência, tinha uma resolução - ser ator:

— Fui vendedor de jornais, tipógrafo, fabricante de brinquedos, soprador de vidros, recepcionista de médicos, etc. Mas durante estes empregos ocasionais não perdi de vista minha resolução de ser ator. A palavra arte não entrava já mais em minha cabeça. O teatro significava apenas um melo de vida nada mais.

Como fundador dos estúdios United Artists, ideal seu e de grandes amigos como John Barrymore, Douglas Fairbanks, Samuel Goldwin e Mary Pickford, Charles Chaplin prestou grandes serviços à cinematografia americana não só como ator e cineasta mas, sobretudo, como um homem integrado na sociedade de consumo que estava sendo criada pelos americanos, aspecto que ele sempre abordou nos seus filmes.

Renunciou a viver nos Estados Unidos "não sem um sentimento de tristeza". Na sua concepção de então "tudo mudou, o gigantismo das organizações industriais, da imprensa, da televisão e da propaganda tornou-me incompatível com a forma de existência americana".

No momento em que em todo o mundo o combate à desumanização da sociedade das máquinas se faz a partir de um retorno à espontaneidade da criança, de um comportamento sensorial e ingênuo, a conversa simples dos filmes de Carlitos volta a se fazer presente. "A maneira mais simples de abordar um assunto é a melhor", afirmou Chaplin certa vez. Essa simplicidade está sendo redescoberta por uma geração que encontra nos filmes de Carlitos a expressão de uma ingenuidade e espontânea reação à violência de nossos dias: "necessitamos mais de humanidade que de máquinas, mais de ternura que de inteligência", observa

ção comum aos filmes de Carlitos e perfeitamente resumida no final do último discurso de O GRANDE DITADOR:

— Todos nós desejamos ajudar-nos mutuamente. Nós, os seres humanos, somos assim. Queremos viver para a felicidade comum e não para a infelicidade. Não queremos o ódio e o desprezo entre as pessoas. Neste mundo há lugar para todos. O caminho da vida pode ser formoso e livre mas já perdemos a direção. Os apetites envenenaram a alma do homem e nos levaram à miséria e à matança. Desenvolvemos a velocidade mas nos perdemos nela. A máquina, que deveria criar a nossa fortuna, criou dependência. A sabedoria nos faz cínicos. A inteligência, duros e maus.



JANE FONDA (34 anos) foi agraciada com o Oscar de melhor atriz pelo seu desempenho em "Klute, o passado condena".

Oscar sem surpresas

A Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood, em solenidade realizada no dia 10 do corrente mês concedeu o Oscar aos melhores de 1971, cuja relação é a seguinte:

Melhor filme: "The French Connection" ("A ligação francesa"), do jovem cineasta William Friedkin, que descreve a rude situação de um detetive novato, que no que luta contra o tráfico de entorpecentes.

Melhor ator: Gene Hackman, pela interpretação de um duro detetive em "The French Connection".

Melhor atriz: Jane Fonda, pelo desempenho de "Klute, o passado condena".

Melhor ator coadjuvante: Ben Johnson, em "The last picture show" ("A última sessão de cinema").

Melhor atriz coadjuvante: Cloris Leachman, no filme "A última sessão de cinema".

Melhor diretor: William Friedkin, pelo seu trabalho em "The French Connection".

Melhor filme estrangeiro: "Os jardins de Finze Contini", de Vittorio de Sica, também vencedor no último Festival de Berlim.

Melhor curta metragem e melhor documentário: "Sentiçela do silêncio" (2 Oscars).

Melhor canção: Isaac Hayes, autor da trilha sonora de "SHAFT".

Melhor realização: "Um violonista no telhado", de Norman Jewson, que recebeu o prêmio pois era indicado para 8 Oscars.

Oscar ESPECIAL: Charles Chaplin, em reconhecimento à sua dedicação ao cinema durante mais de meio século.

Coluna

Marginal

Ha um mocinho no Palácio do Governo que está dando muito o que falar. É um autentico dandy saído das páginas dos romances ingleses do século passado. Depois a gente volta a falar no assunto.

Por falar em Palácio do Governo, o Profeta do Monte Castelo foi visto lá dando a maior bronca da paróquia, ameaçando Ianiquito. A certa altura gritou: — Mordomo, meus saís pelo amor de Deus.

Pompilio Santos viu a casa que o deputado Figueiredo está construindo no Jóquei Clube e verificou que a obra não custará 200 mil cruzeiros e, sim 75 mil. São coisas da terra: o deputado dos pobres construindo casa de 75 mil pratas no bairro burguês de Teresina.

Também sobre o MDB: o partido diz que não abandonou a professora Itacema, e esta afirma que continua fiel às hostes da oposição. O que não se entende é que ela é constantemente vista em colóquios amigáveis com o pessoal do Governo.

Os jornais de Teresina estão solidários com o "Jornal da Bahia". E quem está solidário com os jornais daqui, tão necessitados que estão?

Está fechada a boate Cascaia, pela profunda tristeza de muita gente, a começar por um engenheiro de uma empresa de uma economia mista, um deputado e um alto comerciante da praça.

O médico França Filho, rebatendo rumores sobre sua pessoa, refere-se sempre a um certo "tipo". Que diabo adianta falar assim, se ninguém vai entender? E o Carlos Augusto também deita falação sobre o assunto, mas também sem esclarecer coisa alguma. Cadê a consideração pelos ouvintes, minha gente?

Em Teresina só se fala em crise, que bradeira generalizada, títulos em protesto e outros fenômenos que traduzem uma situação difícil, mas o que se vê é um bruto consumo de usque nas chur-

rascarias, clubes e boates, em cujas portas é difícil estacionar um carro porque todas as vagas estão tomadas.

Certa dama da sociedade jura que possui 700 pares de óculos. Ou está com cantiga para menino dormir ou vai botar uma ótica.

O vereador Albuquerque disse que o prefeito Joel Ribeiro é uma pessoa muito sensível e humana. Depois vai achar ruim quando o povo der na vida dele...

Ainda na Câmara, o arenista Toran Eg perdeu a merenda (cachorro quente com refrigerante) que o Presidente da Casa mandou servir porque quando o office-boy passou ele tava puxando maior rônco. Gozado, né?

Segundo o Pompilio, não sei quantas lojas já se prontificaram a colaborar com o Sindicato dos Jornalistas através da doação de aparelhos de ar condicionado e outras coisas mais. Vão fazer um sindicato ou uma loja de eletrodomésticos?

Falando em Sindicato dos Jornalistas: no discurso de posse o Pedro Mendes Ribeiro tremeu a voz de maneira tal que me fez lembrar o tempo de Vicente Celestino cantando "Porta aberta". Na ocasião, um coleguinha manejava esferográfica e papel para anotar quantas vezes ele citava "no tempo e no espaço".

Com a posse da nova diretoria da entidade dos jornalistas, Miguel Cavalcante já se movimentou para conseguir sua inscrição. Não vai ser fácil, porque muitos jornalistas profissionais estão erguendo tremenda barreira contra o Miguel. Segundo um deles, será muito desagradável uma assembleia geral ser dissolvida com a entrada do Miguel no recinto.

O Presidente da Câmara permitiu que o vereador Ommati fizesse seu pronunciamento sensado porque está com um braço quebrado. Quer dizer então que o Ommati tem o costume de fazer discurso plantando bananeira?

Numa só página de sua edição de anteontem um jornal local, nos bons tempos chamado pela UNB de "caixa de lixo", cometeu coisas assim: "eminente Governador", "magnífico reitor" e "austrado desembargador". Não é mais jornal; é um dicionário de elogios.

Querem a prova? Na mesma edição, em quatro colunas, saiu a notícia do aniversário do Geraldão do bil... , perdão, da Loteria, com uma rima (esse rima aí é homenagem à turma do Ceará aqui da casa) de elogios e logo em seguida que o aniversariante é "figura que suspenha maiores comentários". Pode dispensar, mas daí pra frente o jornal atira mais algumas dúzias de elogios tantos que até parecia necrológio, pois só quando o cara morre é tão badalado.

E pra vocês não dizerem que a gente tem marcação com esse jornal, lá vai outra de um redator lá dele. O bigudo recebeu de um figurão da terra um telegrama-circular (quer dizer, envia de pra todo mundo) e tacou no jornal o maior agradecimento pela grande consideração de que foi alvo.

Como os outros também precisam de colher de chá, olha o que disse outro jornal: que a situação do Tribunal deprime a Justiça do Piauí. Salu lá, em ti po grande na primeira página. Vai ver os coleguinhas queriam dizer que a situação do prédio do Tribunal (e não o Tribunal em si) deprime a Justiça. Mais cuidado, gente.

Foi só ser inaugurada a usina de leite pasteurizado para o produto sumir da praça. Quer dizer: antes, leite com água; agora, só a água do pote mesmo.

E a Romey chegou fazendo a maior quizumba por causa de que o Herculano tascou umas coisas em cima lá dela, falando em arapucas e etc. e tal. O pessoal da Romey deitou falação, chamou advogado pra processar o poeta-vereador, botou anúncio em jornal e sumiu. Não processou, não pagou aos jornais e deixou tudo por conta do bispo.

Boca do povo

Boca do Povo é uma página aberta para colaborações externas. Estas matérias são assinadas por Edmar e Durvalino, saíram porque não haviam outras colaborações. Mas o espaço desta página é totalmente reservado ao leitor. Tá falado (A Gerência)

Vivo pra curtir

Viver não é só nascer. E preciso crescer e ser forte para lutar contra os mistérios da vida e os perigos da morte. Para viver neste mundo é preciso ter sorte. Morrer é mais perigoso do que a morte. Tenho meu pensamento libertado, embora meu corpo seja escravizado. Mas procuro descobrir o segredo da sorte para libertar meu corpo da ignorância dos mais fortes, imbecis que por eles não sou compreendido.

Viver é amar o que é belo, é perdoar os superados que não compreendem e discordam de nossa vida. Viver não é só falar para ouvir a voz. Viver é falar e dizer o que sente. Viver não é só escrever para ver a letra. Viver é escrever para que todos leiam, seu pensamento. Viver não é só beber para sentir seu corpo ao chão. Viver não é só fumar para ver a fumaça subir. Viver é beber fumar e curtir. Eu vivo pra curtir.

(Rubem, go:do)

Teatro no Estado do Piauí

É realmente sensacional o esforço despendido pelo Ary Sherlok para montagem de uma peça teatral em Teresina. No momento somente ele tem tido coragem de lutar pela sobrevivência do Teatro em nossa terra.

Já ouvi falar que existe um órgão em Teresina, responsável pelo teatro, até o momento esse órgão não deu a mínima para justificar sua existência, se é que existe. Enquanto Ary dá tudo de si para a sobrevivência do teatro, o órgão responsável nada faz.

Enquanto o Ary vê alma de bigodes para divulgar o teatro em nossa terra, o órgão responsável nada comunica e se faz passar por não responsável.

Quando será que o SERVIÇO ESTADUAL DE TEATRO vai querer tomar consciência de sua real finalidade. O que não justifica mesmo é ficar calado e resumido apenas a um BIRÓ.

O SERVIÇO ESTADUAL DE TEATRO tem, embora não queira a obrigação de divulgar o que está fazendo para que não seja criticado injustamente.

Espero que minha crítica seja bem interpretada. Não estou aqui criticando somente por criticar e sim procurando fazer com que o SERVIÇO ESTADUAL DE TEATRO diga se existe realmente ou se vai continuar sendo um órgão inteiramente nulo, como até o presente.

Joãozito

A barca da transa chegou

Quem escutou Luis Gonzaga há dez anos atrás, sabe muito bem que era um sujeito de mau gosto. Era igual a quem escuta Waldick Soriano, hoje Ai, a coisa sofreu uma rotação de cento e oitenta graus e o Lua passou a ter a maior importância, sendo considerado talvez de toda música evolutiva nacional. As coisas acontecem normalmente assim. É um ciclo de evoluções.

A turma do norte correu pro sul em busca do paraíso perdido e achado pra quem queria ser mais. Ai, foi aquela do Rio ser barato curtido e retido nas retinas dilatadas do entusiasta. Correu Chico Anizio do Ceará, correu Buzad do Maranhão, correu o próprio Torquato dequi, Caetano e Gil correram da Bahia e o etc. de toda parte. O Rio era a informação, a evolução, a curtidão e outros ãos. Dai, marcado no calendário corrido no ciclo voltado para a volta do tempo, a Bahia é endeuzada e a cultura pop transfere seu QG de São Sebastião pra São Salvador. As coisas mudaram com a proteção de Nosso Senhor do Bonfim, Caetano, Gil, gente toda da Bahia voltaram pra origem, originando um deslocamento da cultura pop pro norte (o carnaval da Bahia deu mais turistas que no Rio).

Aguentem as pontas, gente nossa, O maná da nova cultura no sentido pop taqui. Espere um pouco. Desraote a viagem pro sul do país. A coisa vem de lá pra cá. A coisa tem que ser feita aqui. A seta aponta pro norte. A barca da transa chegou.

(EDMAR)

Namorada

A namorada é a mulher que possui os braços que a gente quer, é a mulher que tem o beijo que a gente sempre imaginou, é a mulher que possui dentro de si a quele calor que a gente sempre quis provocar. É a menina que diz coisas jamais imaginadas, no momento mais certo, no momento em que outra coisa não poderia ser dita. É a criança que nos faz uma pergunta tão ingênua que nenhuma jamais fez. É a mulher que nos dá uma resposta tão categórica que a gente embasbaca, emudece sem mais explicações.

A namorada é toda uma perfeita síntese da nossa lembrança do passado e da nossa antevisão do futuro. É o máximo que se pode ter numa época em que a gente tem que ter o máximo.

(DURVALINO)

Zum Zum

No pé do ouvido

ATENÇÃO

Aguardem um tremendo show musical que será realizado com lagar e data a serem marcados. O nome do bicho será BARRADINHA NA TERRA NATAL, OU LENA RIOS VOLTA PRA CURTIR. Será um show montado com música e texto. Produzido pela gente aqui. E tem mais o Ary Sherlock na jogada. (Galvão)

OLHA

Tem uma exposição montada na Escola Industrial. Vamos dá uma olhadinha gente. O Arnaldo, pessoa da gente, tem duas telas lá. Vale a pena. (Galvão)

OI? TURMA

Aqui em nossa cidade tem muita gente como piolho (andando pela tubeca nos outros). Cortem essa, bichos. Procura o que é melhor para ti. O negócio é botar pra curtir. Esse papo de considerações, já era. Vamos dá valor o que tem. Acho que essa turma tá assistindo muita televisão aos domingos. É preciso muito saco para ver o Flávio Cavalcanti. Essa de limitar os ouzits é uma friagem. Você também tem cabeça e pode pensar, e se pensar, direito não vai mais ouvir Jerrys Adriani, The Feevers etc. Nós estamos vivendo numa época muito diferente. A nossa hoje é buvir, ligar, pensar, dizer e, curtir, sacou bicho?

(Rubem, o gordo)

PATOTA LEGAL

Domingo passado, fui com a turma do ENRADO INTERESSANTE, nossa querida Lena Rios e a sua maravilhosa mãe, curtir um banho, meter umas canjibas e almoçar em Monsenhor Gil, na casa do pai do Dr. Noronha, um médico de "nossa" sociedade. Foi o maior sar-

ro em matéria de curtição. Lá tive oportunidade de conhecer os professores Geraldo e Maria Luiza (Lailu), ambos da Faculdade de Filosofia. E também o Monqueto que é um cara legal. Bichos, vocês são geniais. Parei na de vocês. (Rubem, o gordo)

O "EX-DIVINO"

Salve engano, foi Alberoni quem classificou o caldo do "Bar Neuza" de "divino". Mas isso foi há algum tempo porque aquele troço agora está... (Machado Neto)

PRA MARANHENSE VER

Olha: roubo, mas roubo mesmo é o cara da "Casinha de Taboca" cobrar duas cruzes, por uma dose de rum e uma e meia por uma coca-cola. Assim só turista do Maranhão aguenta sem chiar.

(Jari Mosil)

A GLÓRIA

Até que um dia o Emerson Brandão entrou numa grande revista: sua carta para Veja elogiando a reportagem sobre o Garrincha foi publicada e a glória, gloriosa glória... (Jari Mosil)

BUS, ABUSO.

Para os ônibus da Viação Colômbra, os estudantes de Teresina não têm a mínima importância. Mesmos fardados e conduzindo um montão de livros sem possuir ainda a Carteira de Estudante, são obrigados a pagar passagem completa pois distinto da borboleta não aceita meia passagem. Pô. (Zito)

MUITO TRABALHO

A Assembléia Legislativa do Piauí está uma belezinha. Só trata de coisas sérias. Vai salvar a pátria. Ainda no começo desta semana aprovou projeto

de lei alterando o nome de um ginásio: em vez de "João Ribeiro de Carvalho", o cujo vai chamar-se "Farmacêutico João Ribeiro de Carvalho". Viva o trabalho dos representantes do povo. Viva. (Alberoni)

MAU GOSTO

Há uns seis meses a Difusora programa para o intervalo que acontece o Jornal Q-3 a mesma música de Roberto Carlos: "Meu pequeno Cachoeiro". Soube que isso veio em consequência de um (a) ouvinte ter declarado que é a música de sua predileção. Já pensaram, meninos, se o governador gostasse de "Pai xão de um homem"? (Jari Mosil)

OBA

Vem aí o maior desfile de travestis da paróquia. A promoção é do David, que promete inteiro sucesso. Nos meios bichonilidos já começou a arrumação. Da minha parte garanto uma coisa: quem participar tem uma tremenda dose de coragem. (Alberoni)

ESCOLINHA

Quem vê programa IV-Espetacular tem a impressão que os seus apresentadores estão querendo agredir aos telespectadores. O Sérgio por exemplo, joga ao ar toda sua frustração quando da apresentação do programa. Alias, a Televisão Brasileira está cheia de defensores da Comunidade. Como bom aluno, o Sérgio está realmente dentro do esquema de seu "Brilhante Professor" Flávio Cavalcanti, o mais Clínico dos Apresentadores de Programas de televisão.

Quanto a Clécio Ribeiro os senhores já o conhecem bem, não precisa de comentários. (Zito)

COROA

Prof. A. Tito Filho balança o corêto do Albertão

Respeito a opinião dos que aplaudem o ALBERTÃO, mas jufo-me com o direito de ser contra esse verdadeiro elefante-branco, por muitas razões:

1 — Teresina é cidade de aviltante pauperismo. Renda per capita baixíssima. Sérios problemas angustiam a coletividade. Criança maltrapilha, faminta, abandonada. Falta de higiene por toda parte. Oitenta por cento de sentinas de buraco. Pequena rede de esgoto. Barros em condições de miserável existência. Subnutrição. Sistema educacional que, quando muito, transmite alguns conhecimentos intelectuais. Meretrício como nódoa, impressionante. Cidade escura. Sistema penitenciário da Idade Média. Sem transporte. Desemprego e subemprego. O interior do Estado vive em condições sub-humanas.

2 — A febre desses estádios monumentais começou com o Maracanã, em 1950 (Campeonato Mundial). O Governador Aluizio Alves iniciou o de Natal. Esta lá não concluiu, abandonado. Para o de Fortaleza (Castelão), inacabado. Ceará Cals já pediu dez bilhões velhos em prestações. Verdadeira sobrecarga para o pobre povo cearense. O de Manaus, apelidado Tartarugão, vive vazio, sem rendas. Há poucos dias, clube do Sul e clube de Portugal, que jogaram na capital amarelo-gamga, acarretaram prejuízos de sessenta mil cruzeiros. Chegou-se a cancelar o contrato para a exibição do Dinamo, de Moscou. Vivem vazios os elefantes-brancos de Aracajú e Maceió. O de Piracicaba, rica cidade paulista, está sendo loteado; sepulturas. Sempre deficitário o Maracanã, como o Mineirão. Basta que se leiam revistas especializadas e esses episódios estarão confirmados.

3 — Observe-se: o Maracanã suporta duzentas mil pessoas. População metropo-

litana da Guanabará: sete milhões. O Célebre estádio do Morumbi, em São Paulo, abriga cento e cinquenta mil torcedores para uma população metropolitana de quase oito milhões. As populações de Rio e de São Paulo têm numerosas torcidas. Que dizer de Teresina? Cidade pobre, de duzentos e cinco mil pessoas, quer dar-se ao luxo de possuir estádio para sessenta e cinco mil pessoas. Duzentas e cinquenta mil pessoas inclinando-se a população rural, crianças, meninos, velhos doentes — e o soçate, que não vai a futebol pois futebol cheira a povo e o soçate não gosta dos pobres gritantes e reclamantes.

4 — Argumenta-se que o estádio é para o futuro. Assegura-se que a população de Teresina em 1980, será de quinhentas mil almas. Não creio. A política de João Paulo dos Reis Velloso é de diminuir os índices de natalidade, em todo o Brasil, a fim de que se evitem, principalmente, as megalopólis, com o seu cortejo de problemas que se multiplicam, dia por dia. E a pilula anticoncepcional está sendo vendida abertamente. Ainda que houvesse quinhentas mil habitantes em 1980, o estádio seria excessivo. Basta olhar o exemplo de São Paulo: estádio de cento e cinquenta mil pessoas para população de quase oito milhões.

5 — Os jogos mais "badalados" de Teresina não levam ao Lindolfo Monteiro mais que quinze mil pessoas. Eis o exemplo de O Cruzeiro com Tostão: menos de quinze mil pessoas. E o governo distribuiu entradas a granel, gratuitamente.

6 — Há jogos em Teresina cuja renda não paga o trabalho do juiz.

7 — Quem vai pagar a construção desse estádio? O Governo? Com que dinheiro? Com empréstimo? Certamente com

a venda de cadeiras cativas. E quem comprará as cadeiras. O estádio permitirá dez mil cadeiras. E cadeira muita. Assim, no dia em que quiser assistir um jogo, o teresinense encontrará cadeira de sobra. Não há necessidade de empastar dinheiro, com o cativo da cadeira.

8 — Afirma-se que esse estádio viverá cheio de gente porque os ingressos serão baratos. O argumento não convence. Por que não se barataria o ingresso do Lindolfo Monteiro, para que o Lindolfo Monteiro viva sempre repleto de gente?

9 — Diz-se que, com o Albertão, grandes clubes virão ao Piauí. Nada disto. Grandes clubes aqui virão com o Lindolfo Monteiro, como tem vindo. Veio o Santos (não jogou por virtude da ausência de Pelé), veio O Cruzeiro. Veio Corinthians. Todos virão, desde que sejam contratados. Acontece é que o interesse do povo se harmoniza com a curiosidade: quer ver o jogo do clube famoso, ou do jogador famoso. Viu uma vez, não paga a segunda vez. Duvido que haja quem contrate O Cruzeiro com Tostão para uma nova exibição em Teresina por sessenta mil cruzeiros, compda outra vez. Clubes maranhenses, cearenses não dão mais renda suficiente para as despesas. Nelson Castelo Branco Rocha teve prejuízos contratando, faz pouco tempo, clubes do Maranhão e do Ceará, parece que até do Recife, para jogar aqui com o River.

10 — Demais de tudo há recente e oportuna recomendação do Presidente Médice no sentido de que os governos estaduais não contraiam empréstimos e promovam obras desnecessárias.